

LEITURAS INTERSEMIÓTICAS: ABORDAGENS SOCIOCÍTICAS DO LITERÁRIO E CINEMATOGRÁFICO NO ENSINO MÉDIO

INTERSEMIOTIC READINGS: SOCIO-CRITICAL APPROACHES TO LITERARY AND CINEMATOGRAPHIC STUDIES IN HIGH SCHOOL

Recebido: 17/08/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 29/12/2023

DOI: 10.18817/rlj.v7i2.3374

Deivanira Vasconcelos Soares¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9333-3549>

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise crítica de prática de sala de aula com literatura e cinema. Para tanto, recortamos módulos da disciplina *Adaptação cinematográfica: palavras e imagens para a formação crítico-social*, curso de 40 horas ministrado para alunos do Ensino Médio, no semestre letivo de 2019.2, em um Centro Educa Mais, de Imperatriz, Maranhão. Os estudos com a turma formada por alunos/as de todas as séries do Ensino Médio tiveram como base textos literários e fílmicos com trânsito pelo ambiente crítico-social. A matéria foi pautada nas relações intersemióticas entre textos adaptados, na análise da composição do literário e da linguagem do cinema, mas também na construção do discurso no enredo das ficções. Para o tema dos direitos da mulher, perscrutando lutas, conquistas e validação de práticas sociais, bem como a constante ameaça de retirada de direitos, estudamos capítulos do romance *O conto da Aia*, de Margaret Atwood, lançado em 1985 e fizemos análise comparada com episódios da série de mesmo nome, dirigida por Reed Morano e escrita por Bruce Miller, lançada em 2017. A base teórica desse estudo vai de Robert Stam (2009) a Linda Hutcheon (2013), para tratar de adaptação cinematográfica, a Paulo Freire (2011), Antonio Candido (2000) e Regina Zilbermam (1988), para trabalhar a necessidade de leitura crítica do mundo e da arte.

Palavras-chave: Literatura; Cinema; Crítica-social; Prática de ensino.

ABSTRACT: This article presents a critical analysis of classroom practice with literature and cinema. To do so, it makes a cut of the discipline *Cinematographic Adaptation: words and images for critical-social training*, a 40-hour course taught to high school students, in the academic semester of 2019.2, at a Centro Educa Mais, in Imperatriz, Maranhão. The studies with the class formed by students from all grades of High School were based on literary and filmic texts with transit through the critical-social environment. In this way, the studies were based on the intersemiotic relationships between adapted texts, on the analysis of the composition of the literary and the language of cinema, but also on the construction of discourse in the plot of fictions. For the theme of women's rights, scrutinizing struggles, conquests and validation of social practices, as well as the constant threat of withdrawal of rights: we studied chapters of the novel *The Handmaid's Tale*, by Margaret Atwood, released in 1985 and made a comparative analysis with episodes from the series of the same name, directed by Reed Morano and written by Bruce Miller, released in 2017. The theoretical basis of this study ranges from Robert Stam (2009) to Linda Hutcheon (2013), to deal with film adaptation, to Paulo Freire (2011), Antonio Candido (2000) and Regina Zilbermam (1988), to work on the need for a critical reading of the world and of art.

Keywords: Literature. Movie theater. Social Criticism. Teaching practice.

¹ Doutora em Estudos Literários (2023) pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Letras, com área de concentração em Teoria da Literatura (2019), pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus de São Luís. Especialista em Metodologia do Ensino Superior (2016) pelo Instituto Nordeste de Educação Superior e Pós-Graduação (INESPO). Especialista em Literatura e Ensino (2023) pela (UEMA), graduada em Letras/Literatura (2015) pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do GELITI - Grupo de Estudos Literários e Imagéticos (UEMASUL), atuando nas seguintes linhas de pesquisa: 1) Estudos literários em diálogos com outros saberes; 2) Cinema e ensino. Membro do Núcleo Interdisciplinar de Estudos, Pesquisa e Extensão em Comunicação, Gêneros e Feminismos Maria Firmina dos Reis (UFMA). Membro do grupo Literatura e História (UFSM) Professora substituta da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL) (2016 - 2018). Professora da Educação Básica. Professora substituta da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2020 - 2022). E-mail: dv.vasconcelosrosa@gmail.com

Palavras e imagens para práticas libertadoras

Paulo Freire (2011) prever que à leitura da palavra precede a leitura do mundo e que a evolução de leitura e interpretação passa, necessariamente, pelo ciclo leitura do mundo, da palavra, e retorno à realidade social. Acrescentamos a isto que à leitura da palavra deve somar-se a leitura da imagem. Porque ler a diversidade de linguagens que circundam nossos tempos tornam-se fatores fundamentais na formação de um leitor competente e contemporâneo das invasões imagéticas diversas, dentre elas, imagens do cinema, com ou sem diálogo com a literatura.

Entendemos que a leitura e análise da linguagem literária e imagética, imbuídas de questões sociais, podem ser caminho propício para a formação de um leitor competente na leitura estética e social. A formação de leitores competentes, no âmbito da linguagem literária, e críticos, enquanto cidadãos, é um preceito da pedagogia que propõe um ensino e aprendizagem com fim social.

Em nosso tempo, com a proporção que toma a imagem no cotidiano da sociedade, a leitura desse signo é primordial. Nesse sentido, a leitura dialogada entre literatura e cinema, em sala de aula do Ensino Médio, pode e deve ter o fim de formar leitores e cidadãos capazes de acessar o prazer da arte, a fruição estética e o olhar para os contextos sociais de forma competente e reflexiva.

As artes da literatura e do cinema, como as artes de modo geral, para além das discussões sobre “a função da arte”, provocam nossas percepções em relação ao mundo e desestabilizam um *status* aparentemente concreto/certo. As artes metaforizam, por vezes, as transformações que precisamos vivenciar nas relações humanas e apontam para lugares da vivência social não percebidas em outros contextos criativos. Essas produções podem ser um convite ao desconforto íntimo e ao olhar para a sociedade com certo distanciamento capaz de transformar o ser (leitor/analítico), suas reflexões e ações sobre o mundo.

A literatura, consagrada pelos tempos, é capaz de captar um ser fraturado, em sua humanidade e relação social, e levar o leitor competente a viajar na imaginação e experienciar, na realidade ficcional, personas outras provocadoras de uma percepção profunda sobre o próprio eu/leitor. Por seu lado, o cinema, na junção entre imagens em movimento, cores e vibrações sonoras nos conta histórias de maneira tão reais

que, na experiência estética, vivenciamos *catarses*. O ato de leitura é também um ato de leitura do eu. Dessa forma, ler literatura e filme, é ler-se nas entrelinhas dessas linguagens, é, por que não dizer, ler-se no mundo das possibilidades de crítica e transformação da sociedade.

Assim, colocar em diálogo, em sala de aula, a literatura e o cinema, a leitura comparada entre textos adaptados e fontes e temas relevantes para a vida em sociedade corrobora com urgências na formação leitora e na projeção de agentes sociais críticos competentes e transformadores. Textos como *O conto da Aia*, de Margareth Atwood, adaptado para a série de mesmo nome, dirigida por Reed Morano, são promissores para leituras e análises da linguagem da literatura e do cinema, bem como de questões cotidianas que envolvem a sociedade.

A prática como docente da Educação Básica exige certa visão crítica no uso dessas artes na sala de aula, de modo que a escolha por fazer leituras de textos, na metodologia comparativa, mais críticos e atraentes para adolescentes, torna-se uma estratégia de ensino e de abordagem de temas relevantes para a sociedade.

Diante da inegável importância da leitura como exercício de vida, caminho para o pensamento crítico, é essencial que essa prática forme leitores competentes e olhares críticos com vistas à transformação do ser e da comunidade. Somado a isso, a leitura literária múltipla e complexa pode unir o prazer estético, o saber da arte, e a consciência de inquietação social. A imagem, por seu lado, em grande efervescência social, marcante em nosso contemporâneo no cinema e nos meios de comunicação, por ser tão presente no cotidiano é também muito necessária de ser lida de forma profunda e coerente.

Além disso, o uso de cinema na sala de aula, principalmente de produções brasileiras, já é um preceito da BNCC, que prever uma formação de leitores de audiovisuais e propõe o conhecimento da cultura nacional dentro do ambiente escolar². Neste assunto, pautamos a necessidade, cotidiana, de atuar como

² Nessa disciplina, estudamos literatura e cinema brasileiro, conforme preceito da BNCC e como forma de valorizar as produções nacionais. No recorte para esse artigo, no entanto, dada a limitação de laudas, foi a experiência com *O conto da aia* o escolhido. Nessa disciplina discutimos também os filmes nacionais: *Abril despedaçado* (2001), de Walter Salles – para discutir questões sociais e cultura, esse filme é adaptado do romance homônimo do escritor albanês Ismail Kadaré; *Acalanto* (2012), de Arturo Saboia – também uma adaptação do conto *A carta*, de Mia Couto, que permite a discussão de adaptação, entre outras; *Veja esta canção* (1994), de Cacá Diegues – filme que adapta em uma composição de curtas, letras de músicas do cancionário popular; *Narradores de Javé* (2003), de Eliane Café – filme que discute a força do discurso escrito, mas também a impotência de uma comunidade diante de uma grande empresa.

professora pesquisadora, visando a centralidade do ensino de literatura, o diálogo comparativo e crítico entre produções fílmicas e literárias, além de fomentar o olhar sócio-crítico dos educandos para os textos e para suas próprias realidades.

A pesquisa envereda, pois, para o campo das análises intersemióticas, mas se preocupa, sobremaneira, com as andanças sociológicas, antropológicas e filosóficas que se coadunam com as narrativas. Além disso, perscruta os diálogos entre literatura e contextos históricos que a complexidade de personagens e enredos podem proporcionar, uma vez que muito interessa uma ampla formação estudantil.

O objetivo desse artigo é o mesmo que compõe a ementa do curso de eletiva ministrado para os/as alunos/as de Educação Básica, em 2019. Relatando, apresentamos uma experiência de sala, mas, antes disso, tecemos uma discussão sobre conceitos que envolvem os saberes da tradução intersemiótica, do dialogismo e da intertextualidade. Por fim, conceitos que embasam os saberes da adaptação cinematográfica.

Importa destacar que o foco das aulas objetivava que o público percebesse o diálogo estabelecido entre textos fontes e obras adaptadas e a discussão de assuntos de relevância social retratados em literatura e filme. Além disso, frisar que esse artigo é um recorte de uma sequência de 40h/a fundadas nos estudos da adaptação cinematográfica, especificamente na análise de textos literários e fílmicos.

A metodologia usada para a pesquisa revisita os autores que abordam o tema de leitura literária, cinema e busca dialogar com os temas das artes e da formação crítica-social. Na sequência da exposição mais teórica do texto, contamos uma prática em sala de aula, a partir de um planejamento que previa leitura e análise do texto literário, seguido da exibição e análise comparativa e crítica dos filmes ou fotogramas adaptados.

A abordagem adotada é qualitativa, uma vez que a análise final é feita a partir das discussões em sala de aula e de declarações dos alunos e alunas sobre a importância dos assuntos abordados. Por isso, adotamos a metodologia da pesquisa bibliográfica, exploratória, com abordagem qualitativa (Prodanov, 2013), para analisar o impacto das discussões nos alunos/as.

O artigo fica estruturado com o capítulo 2 *Da formação crítica à crítica da adaptação*, que tematiza a importância do letramento literário e do letramento imagético, e faz considerações acerca da adaptação cinematográfica, como forma de representar aquilo que foi estruturado no curso de eletiva. Além desse, com o capítulo

3, intitulado *O conto da aia: leitura do mundo e da arte*, em que narramos o passo a passo da aula que teve como base o texto literário de Margaret Atwood e a adaptação homônima. O capítulo intenta uma abordagem às possibilidades de crítica social da literatura e do episódio da série e capta como os estudantes receberam as discussões e os novos olhares sobre a própria realidade.

Da formação crítica à crítica da adaptação

Pensar literatura e cinema enquanto estética, objeto de estudo e ensino e sua revolução mais recente no meio digital requer um passeio por alguns conceitos e teóricos. Essas artes, enquanto estética, não têm em suas essências funções técnicas como ensinar, denunciar ou informar. No entanto, o que percebemos, como estudiosos/as de literatura e audiovisuais e leitores/as de palavras e imagens, é que em uma produção podemos nos deparar com relevantes questões humanas, de cunho intimista, histórico, filosófico e até mesmo denunciativo, como é o caso das literaturas de protesto ou literatura de testemunho.

Ao considerar o que é literatura e sua extensão textual, Perrone-Moisés (1990) diz que uma literatura abre grande possibilidade de ser e estar no mundo, uma vez que todo leitor em contato com ela, além de passar por um processo infinito de interpretação e busca intertextual, também vivencia um exercício de auto avaliação, de crescimento. Para a teórica, a linguagem literária, compreensão aqui estendida para o cinema, é aquela que alcança o seu mais alto grau de precisão e sua maior potência de significação.

Passando para a necessária discussão de ensino de literatura e de cinema, buscamos diálogo com o professor Antônio Candido em *Direito à literatura* (2000), ao considerar que o trabalho do professor na labuta com o texto significa, para além de cumprir um dever curricular, levar a literatura a desenvolver seu “papel” de formadora essencial do ser. Quando escreveu o texto, Cândido partiu do princípio de que a literatura é um direito humano, porque tem função transformadora. Daí que quando “ensinamos” ou lemos literatura e imagens em sala de aula para o fim de propiciar ao aluno a experiência estética, humanizadora, autocrítica, é mais que um texto que levamos, levamos um direito e cumprimos nosso dever cidadão.

Desse ponto, o que se pretende é uma formação para essa “leitura literária”, ou ainda, para incluir o cinema nessa discussão, “formação para a leitura das artes”. Com o fim de efetivar uma metodologia da leitura com o objetivo da transformação do leitor e, através deste, da sociedade. (Zilberman; Silva, 1988).

Em vista a leitura intersemiótica, o teórico de cinema Robert Stam (2009) faz uma inferência no que diz respeito às narrativas sempre nascedouras e transmutadas. Ele aponta para uma sociedade que germina formas de contar. Em suas palavras, variantes das possibilidades que o termo “adaptação” compreende, contar compreende um universo criador:

A narrativa é proteica, assumindo uma variedade de formas, das narrativas pessoais da vida quotidiana até as miríades de formas de narrativa pública – quadrinhos, histórias, comerciais de TV, as notícias da noite e, claro, o cinema. A literatura e o romance não mais ocupam um lugar privilegiado; a adaptação, por implicação, assume um lugar legítimo ao lado do romance, como apenas mais um meio narratológico. (Stam, 2009, p. 24).

Essas afirmações reiteram não só a já existente consciência de que o ser humano tem em si a necessidade de contar-se, de tornar conhecidos os seus feitos, mas ainda apresenta um novo termo para se pensar, como dado já por Umberto Eco (2007), adaptação.

Nesse sentido, deve-se refletir sobre a adaptação como um exercício de diálogo, não como uma forma de narrativa. Assim, adaptação é a possibilidade de lida com textos diversos, distanciando-se da comparação feita pelo teórico Robert Stam (2009). Adaptação, por esse entendimento, está mais para o processo pelo qual o texto adaptado é criado do que propriamente para a forma final como se apresenta.

Hutcheon (2013) afirma que “a paródia é uma subdivisão irônica da adaptação, quer envolva mudança de mídia ou não” (2013, p. 226). Parodiar, para além de suas implicações significativas de “contracanto”, sátira ou imitação, nesse texto confere contribuição pelo fato de que o escritor quebra com os padrões estabelecidos e mostra uma outra forma de ficção. O que para Maria Lucia Aragão (1980) se dá pelo novo em diálogo com outro texto já existente e denuncia um poder de renovação próprio do ser humano na criação ficcional.

Aliado a essa necessidade de se expressar e de colocar em diálogo as artes já existentes, outros fatores também colaboram para a produção de novas artes,

portanto de novas intertextualidades. Trata-se das urgências do mercado no momento de se considerar as produções em seus contextos econômicos, históricos e culturais. Nesse sentido, Hutcheon (2013) faz uma contribuição sobre as possibilidades que as tecnologias garantem às novas adaptações,

A tecnologia provavelmente sempre estruturou, para não dizer conduziu, a adaptação, uma vez que as novas mídias constantemente abriram a porta para novas possibilidades. [...] as novas tecnologias eletrônicas redimensionaram o que podemos chamar de fidelidade à imaginação – em vez da óbvia fidelidade à realidade -, indo além das técnicas prévias de animação e efeitos especiais. (Hutcheon, 2013, p. 55).

Em se tratando de produto cultural, a referência à adaptação, certamente, inclui a viabilização de atingir novos públicos, bem como de fazê-lo se expandir e, inegavelmente, gerar lucros. Há, pois, uma movimentação adaptadora entre as mídias para alcançar objetivos singulares que giram em torno de um mercado consumidor, portanto determinante de processos adaptativos para além das tecnologias ou em parceria com elas.

Sendo assim, as mais diversas polifonias artísticas, o fazer antropofágico do que é cinematográfico e as múltiplas formas de expressões que sempre se renovam, submetem-se a um contexto complexo e gerador de produtos novos, nos modos de engajamento contar, mostrar e interagir. Nesse sentido, afirma Linda Hutcheon,

A minha definição dupla de adaptação como processo e produto, por ser restrita, aproxima-se mais do uso comum da palavra e é abrangente o suficiente para permitir que eu aborde não somente filmes e peças de teatro, mas também arranjos musicais e covers de canções, revisitações de obras passadas no campo das artes visuais e histórias recontadas em versões de quadrinhos, poemas musicalizados e refilmagens, além de jogos de videogames e artes interativas. (Hutcheon, 2013, p. 31)

Sendo assim, narrativas orais, músicas, histórias em quadrinhos são resultantes, outras vezes inspirações para o exercício da adaptação. Em vista das novas possibilidades tecnológicas e novas mídias digitais, Hutcheon (2013) versa em seu livro sobre a adaptação para videogames, a arte da interação, a que coloca o espectador como participante decisivo na narrativa.

Diante desse contexto de efervescência de produções cinematográficas, adaptadas, o relato de experiência que segue pontua a relevância de usar uma série, parte da vivência de muitos alunos/as, para discutir direitos da mulher em sala de aula. Além da formação para a leitura imagética, em comparação e em paralelo com a leitura literária, primamos pela leitura crítica das artes, aquela que provoca mal estar e propõe a tríade necessária de leitura do mundo, do texto e do mundo de novo.

Os textos de *O conto da aia* (1985/2017), literatura e série, foram levados para o ambiente escolar com o fim de refletir sobre o impacto transformador da linguagem literária e cinematográfica na percepção crítico-social dos/as estudantes. Objetivamos direcionar o olhar e as discussões para que percebessem a multiplicidade dialógica com que lidam diariamente, além de postular temas relevantes para a formação cidadã que os/as afetam como sujeitos/agentes em uma sociedade.

O conto da aia: leitura do mundo e da arte

Esse estudo é resultado da disciplina eletiva *Adaptação cinematográfica: palavras e imagens para a formação crítico-social*, curso de 40 horas ministrado para estudantes do Ensino Médio, no semestre letivo de 2019.2, em um Centro Educa Mais, de Imperatriz, Maranhão. O objetivo da disciplina, além de estudar a construção dos elementos narrativos na literatura e em filmes/episódios de série, era analisar elementos/produtos artísticos com foco no fio temático que os encerra, sempre de cunho social/humano/humanizador.

A disciplina foi ministrada para 26 discentes, dentre os quais 9 matriculados em turmas de 1ª série, 8 matriculados em turmas de 2ª série e 9 matriculados em turmas de terceira série. Dessa turma, contamos 16 estudantes do sexo feminino e 10 estudantes do sexo masculino. A escolha das disciplinas eletivas da qual vão participar no semestre, nessas escolas estaduais, acontecem a partir de um *Feirão de eletivas*, quando os professores/as proponentes expõem os temas a serem estudados e os objetivos da disciplina, bem como a metodologia do curso e os principais textos a serem discutidos.

Nesse contexto, o público escolhe participar da disciplina por certa afinidade com cinema e/ou literatura, enquanto alguns escolhem pelas temáticas propostas na ementa. Tem aqueles que participam do curso por eliminação, ou seja, quando gostam ainda menos das outras alternativas apresentadas pelos docentes. Muitos

alunos/as, mesmo gostando do assunto, preferem ainda participar de eletivas com outros temas por já terem estado em cursos com a mesma professora em outras oportunidades. No entanto, a ideia principal da escolha é afinidade, curiosidade e ampliação de conhecimento na área.

As disciplinas eletivas têm um horário no cronograma de estudo da escola, que compunha 40 horas, divididos em duas horas/aula semanais. Esse tempo/semestre prever período de estudos/oficinas, preparação de culminância e o dia do evento que fecha o curso, quando os alunos apresentam produtos. No caso dessa disciplina, produziram curtas metragem e adaptação de música em ensaio fotográfico.

Para o estudo de *O conto da aia* (2017), romance, foram designados 4h/a para a leitura dos capítulos e discussão daquilo que é narrado em paralelo com nossa realidade de direitos das mulheres no Brasil. Começamos esse estudo explorando as epígrafes do romance, que seguem:

Vendo, pois. Raquel que não dava filhos a Jacob, teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?

E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela.

(Gênesis, 30:1-3)

Mas quanto a mim, tendo me exaurido ao longo de muitos anos a oferecer pensamentos vãos, ociosos e visionários, e, por fim, ter por completo perdido as esperanças de algum dia ter sucesso, felizmente, encontrei esta proposta...

(Jonathan Swift, *Uma proposta modesta*)

No deserto não existe nenhuma placa que diga: Não comerás pedras.

(Provérbio Sufi)

(Margaret, 2017)

Essas epígrafes foram provocadoras temáticas, principalmente na primeira citação que faz referência ao texto sagrado cristão. Em ponto introdutório da aula, já passamos a lidar com um meio exaustivamente dito sem discussão: o de que não se debate religião. Estávamos em uma realidade de quase toda a turma com base familiar na formação em igrejas de confissão cristã. Passamos a lidar, então, não só com a crítica do texto, mas também com a fé religiosa com a qual eles/elas conviviam desde crianças.

O ponto relevante de se destacar, porém, é a nova leitura de Gênesis proposta pelo romance, que trata de uma apropriação da narrativa sagrada como validadora de prática de violência e da estrutura ditatorial do Estado de Gilead. Além disso, foi válida a discussão que se estendeu a partir daí, questionando o direito de Raquel e Jacó usarem sua serva Bila para um desejo que ela mesma não tinha, no tempo passado. A prática do passado, narrativa naturalizada/banalizada no imaginário cristão, passou a ser pano de fundo da distopia de Margaret Atwood.

A violência sofrida por Bila, nunca criticada em textos cristão, dialoga intimamente com a realidade ficcional das *aias*, no romance de 1985: grupo de mulheres que ainda conseguem gestar, que passam a pertencer a um Estado totalitário de base cristã e servem para gerar filhos às famílias importantes desse Estado. No contexto do romance, as mulheres são divididas pelas funções limitadas que exercem na sociedade ficcional, as aias, depois de uma formação rigorosa para aceitarem suas condições de “servas de um bem maior”, perdem suas identidades, e são submetidas a rituais de estupro, gestação e alienação de suas crianças, conforme narrativa do texto cristão.

Existem também as esposas, as Marthas, as “não mulheres” e as Tias. As primeiras vestem azul, gerenciam as casas e cuidam dos filhos, quando os têm, mas a maioria delas parecem inférteis no contexto do livro. As Marthas são as responsáveis pela alimentação da casa, vestem cinza e controlam as idas das aias ao mercado. As aias vestem vermelho, que simboliza o sangue fértil que levam. “Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho, da cor do sangue, que nos define.” (Atwood, 2017, p. 16). As “não mulheres” são aquelas consideradas sem função na divisão social de Gilead: lésbicas, feministas, rebeldes, traidoras de gênero e algumas viúvas - são enviadas para as Colônias onde trabalham em condições degradantes até a morte. As tias são formadoras de aias, vestem marrom e são as responsáveis por orientar as aias até que elas estejam preparadas para cumprirem seu papel reprodutor. Elas acompanham as aias em todo o processo de gestação, mama, e desligamento dos filhos.

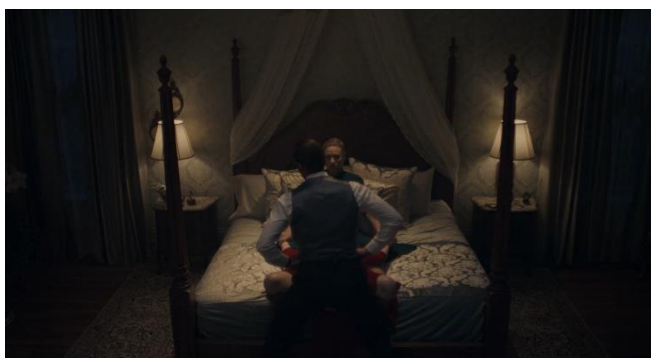
Nesse ponto da discussão, os estudantes, que ouviam desde muito cedo as narrativas cristãs e viviam uma espécie de alheamento crítico do texto, tiveram a oportunidade de repensar certas posturas e a refletir também sobre o uso de discursos cristãos com fins de obtenção de poder e de alienação de massa. Nesse sentido, partindo da vivência da turma, conforme ensina Paulo Freire, eles/elas foram

provocados/as a partir dos textos de epígrafe a olhar criticamente a relação da epígrafe com a ficção e também a relação da história de ficção com a crítica do texto sagrado. Afinal, como as igrejas de variados períodos históricos receberam e transmitem a narrativa de Bila?

Para o estudo da adaptação, foi escolhido apenas o primeiro episódio para ser exibido em sala. Depois da exibição, partimos para a discussão do enredo de modo mais abrangente e focamos em fotogramas que mais dialogassem com recortes já feitos na leitura do romance. O trabalho de análise, além de crítico no que diz respeito às violências narradas na história ambientada em uma ditadura teocrática, também é comparado, tendo aproximações e distanciamentos com o texto do romance.

A composição da cena que segue retoma mais uma vez as discussões já apontadas na epígrafe. O texto bíblico é reproduzido tal qual escrito em um rito de estupro, considerado, no entanto, sagrado. Na série como no romance, o momento do quarto segue como passo dois ao momento da leitura da história de Raquel e Lia, que acontece na sala na presença de todos da casa, incluindo Martha e motorista. A Esposa, então, representa uma Raquel ressentida pela impossibilidade de ter filhos e a aia, vítima de violência, cumpre a função de Bila, aquela que é tratada como objeto para agradar à Esposa, ao Comandante e, por fim, ao Estado, que estabelece, como regra social, que cresçam e se multipliquem, em referência a outro versículo da Bíblia.

Fotograma 1 – 00:31:13



Fonte: (episódio 1 da série *O conto da aia*, 2017)

A cena acontece tendo como fundo a voz do Comandante lendo o texto bíblico de referência na epígrafe. O som na duração da imagem cria um sentido de reforço ao caráter “sagrado” daquele ato. O personagem masculino não pode expressar prazer com o momento e foge do olhar das mulheres da cena.

De modo geral, os alunos e alunas reagem com certo horror à cena de estupro, que exala o descontentamento das personagens femininas. Os estudantes discutem, principalmente, a sensação de impotência vivenciada pelas mulheres da história. Pois mesmo as Esposas cumprem funções que imaginam ser dolorosas e todas são privadas de liberdade. Tudo em Gilead cumpre uma função. Todos e todas são presos pelos preceitos ditatoriais e tradicionalistas, assim, qualquer liberdade, ou característica indesejada é banida e pregada constantemente como prática não aceita pela sociedade.

Ao avançar pelos tópicos da discussão, lembramos da importância de manterem-se atentos e atentas às movimentações de nossa própria sociedade, que continua reacionária com temas como a homossexualidade ou mesmo o feminismo. Lembramos que os direitos das mulheres, conquistados com lutas ao longo dos anos, são constantemente questionados ou desrespeitados em nome de ideais conservadores, que assim como em Gilead, predeterminam papéis a serem cumpridos pelas mulheres socialmente.

Destacamos, além disso, a onda retrógrada que levou à presidência da República e ao Congresso Nacional, nas eleições de 2018, um presidente e muitos deputados eleitos em nome de *slogans* vazios e hipócritas, que, no entanto, diziam defender Deus a pátria e a família. Fato que demonstra nossas fragilidades na corrida por garantias de direitos sociais, principalmente das mulheres, mas também as aberturas dadas por uma sociedade amedrontada pela nebulosa do discurso fascista e incrédula na política de Estado³.

Fizemos a leitura, ainda, dos três capítulos introdutórios do romance: capítulo um, parte de I NOITE; e capítulos dois e três, da parte II COMPRAS. Esses tópicos apresentam de modo geral a organização daquela nova sociedade que se tornou os antigos Estados Unidos da América. Neles, a narradora June (ou Offred que significa de Fred, O Comandante da casa para onde ela é enviada) faz uma descrição muito precisa de espaços, vestimentas, comportamentos e da ambientação da história. A narrativa não acontece de modo linear, característica da rememoração e do esforço por se manter sã da personagem protagonista. Esse predicado também reforça a

³ Esse parágrafo faz referência ao texto *O fascismo eterno*, de Umberto Eco, que deixa como uma indicação de leitura para refletir sobre como o Brasil flerta com o fascismo e ideais conservadores e patriarcais, que ameaçam, por assim dizer, também os direitos das mulheres.

constante luta por manter vivas as memórias da antiga vida que levava em liberdade, da filha, do marido.

Depois da leitura coletiva e comentada, para o esclarecimento de alguma dúvida, fizemos recortes de tópicos para análises mais precisas do texto literário, com vista a entender a construção da personagem, do ambiente e dos espaços da história. Recortes como o que segue, trabalhados para analisar o literário, em si, e também para estabelecer a leitura comparada com a adaptação.

Uma cadeira, uma cama, um abajur. Acima no teto branco, um ornamento em relevo em forma de coroa de flores, e no centro dele um espaço vazio, coberto de emboço, como o lugar em um rosto onde o olho foi tirado fora. Outrora deve ter havido um lustre, um candelabro. Eles tinham removido qualquer coisa em que você pudesse amarrar uma corda. Uma janela, duas cortinas brancas. Sob a janela, um assento com uma pequena almofada. Quando a janela está parcialmente aberta — ela só se abre parcialmente — o ar pode entrar e fazer as cortinas se mexerem. Posso sentar na cadeira ou no banco pegado à janela, as mãos com os dedos entrelaçados, e observar isso. A luz do sol também entra pela janela e bate no assoalho, que é feito de madeira, em ripas estreitas, muito bem enceradas. Há um tapete no chão, oval, feito de retalhos trançados. Esse é o tipo de toque de que eles gostam: arte folclórica, arcaica, feita por mulheres, em suas horas livres, de coisas que não têm mais utilidade. Um retorno aos valores tradicionais. Quem tudo economiza tem tudo que precisa. Não estou sendo desperdiçada. Por que ainda preciso? Na parede acima da cadeira, um quadro, emoldurado, mas sem vidro: uma estampa de flores, íris azuis, guache. Flores ainda são permitidas. Será que cada uma de nós tem a mesma estampa, a mesma cadeira, as mesmas cortinas brancas, eu gostaria de saber? Distribuídas pelo governo? Pense nisso como estar servindo no exército, dizia tia Lydia. Uma cama. De solteiro, colchão de dureza média, coberto por uma colcha aveludada branca. Nada acontece na cama senão o sono; ou a falta de sono. Tento não pensar demais. Como outras coisas agora, os pensamentos têm que ser racionados. Há muita coisa em que não é produtivo pensar. Pensar pode prejudicar suas chances, e eu pretendo durar. (Atwood, 2017, p. 15).

O recorte do romance analisado em sala, depois de assistido ao episódio da série, dialoga com o fotograma disposto a seguir. Neste momento da aula, falamos sobre a diferença de linguagem entre literatura e cinema, que permite perceber como em um filme é possível sintetizar em uma imagem uma longa descrição do romance. Observamos como a leitura do romance pode ser transposta para o filme em minuciosos detalhes. Observamos algo como se o roteirista quisesse mesmo aproximar aquilo que está no texto com o que aparecerá no audiovisual.

Fotograma 2 - 00:05:05



Fonte: (episódio 1 da série *O conto da aia*, 2017)

A imagem sintetiza o estado de espírito de June naquele ambiente que a priva até de morrer. A narradora do romance e a voz narradora da série convergem na sequência de voz, dividindo, uma e outra, até algumas palavras. O clima de aprisionamento narrado do romance também é transmitido pela série. Os valores tradicionais indicados no fluxo de informações da citação são retomados na série de modo que as características de um Estado totalitário se fazem transparecer.

Esse fotograma foi estudado com os alunos/as em uma leitura comparada com o fragmento do romance, de modo que foi possível que percebessem que a nova produção, adaptada, mesmo que outra e em outra linguagem, buscou a todo momento retomar o texto fonte. Destacamos também que a qualidade das narrativas (romance e série) torna banal a discussão sobre qual produção tem maior ou menor valor, esclarecendo que a adaptação é outra e independente, mesmo que essa, especificamente primou por um dialogismo mais preciso e, pode-se dizer, fiel.

Neste ponto da análise, a turma retomou a compreensão de conceitos dos estudos da adaptação já trabalhados em aula anterior. Aqueles que entendem o dialogismo intertextual como uma prática comum de criatividade, não como um exercício de cópia que desvaloriza a ficção adaptada.

Considerações sobre direitos e deveres

A abordagem sócio crítica na proposta de eletiva surgiu como uma necessidade de somar aos estudos de adaptação, quase sempre central nas narrativas, temas de relevância na sociedade e na vida dos discentes. Sendo assim válido retomar teóricos como Paulo Freire e Antônio Candido pelo postulado de uma educação que seja

libertadora e transformadora da sociedade, pois que parte da reflexão da conjuntura social como caminho para a retomada de consciência política.

Compreendemos que o letramento literário e a leitura da imagem do cinema configuram um cenário de necessidade do alunado, de modo a garantir-lhes aquele direito à arte defendido por Candido como um direito humano. Assim, ler e compreender essas linguagens, para além da decodificação, acessando a crítica da sociedade e a autocrítica na formação cidadã é um direito estudantil que deve ser garantido.

Referências⁴

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 2000.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

PERRONE-MOISÉS, Leila. *Flores da escrivantina*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

PRODANOV, Cleber Cristiano. *Metodologia do trabalho científico* [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

MERTZ, Christian. *A significação do filme*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

STAM, Robert. *Teoria e prática da adaptação*: da fidelidade à intertextualidade. Revista Ilha do Desterro A Journal of English Language, Literatures in English and Cultural Studies América do Sul, 12 03 2009.

_____. *Introdução à teoria do cinema*. Tradução Fernando Mascarello. 5. ed. Campinas, SP: Paripus, 2013. Coleção campo imagético.

ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. (Org.) *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988. p. 11-17. (Série Fundamentos, 42)

⁴ Algumas das referências listadas não foram retomadas no artigo, mas fizeram parte da base teórica dos estudos da disciplina eletiva.